

Pedido de vista interrompe julgamento sobre retificação de sexo em registro civil

Um pedido de vista do ministro Raul Araújo interrompeu o julgamento que vai decidir se a retificação de sexo em registro civil só é possível para quem fez cirurgia de transgenitalização. O caso foi levado a julgamento na tarde desta terça-feira (11), na Quarta Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ).

[\(STJ, 11/10/2016 - Acesse no site de origem\)](#)

O recurso tem origem em ação cuja autora, embora nascida com genitais masculinos, sempre teve comportamento feminino e foi diagnosticada como portadora de transtorno de identidade de gênero.

Direito fundamental

O relator, ministro Luis Felipe Salomão, votou no sentido de dar provimento ao recurso para permitir a alteração do registro civil. Segundo ele, o Estado não pode condicionar a alteração do sexo/gênero constante do registro civil à necessidade de realização de cirurgia, em respeito à dignidade da pessoa humana e à inviolabilidade da vida privada.

Segundo Salomão, “a compreensão da vida digna abrange o direito fundamental de os transexuais serem identificados, civil e socialmente, de forma coerente com a realidade psicossocial vivenciada, a fim de ser combatida qualquer discriminação ou abuso”.

De acordo com o relator, o STJ funciona como verdadeiro Tribunal da Cidadania, cabendo-lhe considerar as modificações dos usos e costumes da sociedade, por isso é importante “a superação de preconceitos e estereótipos”.

Para o ministro, se a mudança do prenome “configura alteração de gênero (masculino para feminino ou vice-versa), a manutenção do sexo constante do registro civil preservará a incongruência entre os dados assentados e a identidade de gênero da pessoa, a qual continuará suscetível a toda sorte de constrangimentos na vida civil”.

Ainda não há previsão para a retomada do julgamento.

Dado falso

O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS) havia permitido apenas a alteração do prenome da autora da ação (transexual mulher).

A retificação do sexo masculino para feminino nos documentos foi rejeitada sob o fundamento de que, embora a alteração do nome seja justificada para evitar constrangimentos e situações vexatórias, fazer constar no registro civil a mudança de sexo, quando a pessoa ainda tem os órgãos genitais do sexo oposto, seria inserir um dado não verdadeiro. O TJRS considerou esse pedido descabido.

Segundo o acórdão, “a definição do sexo é ato médico, e o registro civil de nascimento deve

espelhar a verdade biológica, somente podendo ser corrigido quando se verifica erro”.

No STJ, o Ministério Público do Rio Grande do Sul, autor do recurso, sustenta que a mera alteração do prenome, sem a conseqüente adequação da informação relativa ao sexo, mantém o constrangimento decorrente do transtorno de identidade, pois, ainda que socialmente registrada com nome evidentemente feminino, a pessoa continua designada como de sexo masculino, informação obrigatória em seus documentos.

O número deste processo não é divulgado em razão de segredo judicial.

Colégio Pedro II extingue distinção de uniforme por gênero

A partir de agora não há mais determinação do que é ‘masculino’ e ‘feminino’

(O Globo, 19/09/2016 - acesse no site de origem)

O Colégio Pedro II extinguiu a distinção do uniforme escolar por gênero, conforme antecipou a coluna de Ancelmo Gois na edição desta segunda-feira do GLOBO. Antes, a escola estabelecia as peças do vestuário destinadas aos meninos (uniforme masculino) e aquelas para uso das meninas (uniforme feminino). Agora, a escola traz apenas a nomenclatura “uniforme”, ficando a cargo dos alunos a opção por qualquer um deles. A resolução que altera a norma passou a valer no dia 14 de setembro.



Em 2014, alunos protestaram em defesa de colega trans e foram de saia (Foto: Reprodução web)

- A novidade é que não se determina o que é uniforme masculino e o que é uniforme feminino, apenas são descritas as opções de uniforme do Colégio Pedro II. Propositalmente, deixa-se à critério da identidade de gênero de cada um a escolha do uniforme que lhe couber- afirmou o reitor da instituição, Oscar Halac.

De acordo com o reitor, medida é importante para resguardar os alunos sofrem com a imposição de gênero colocada pela sociedade.

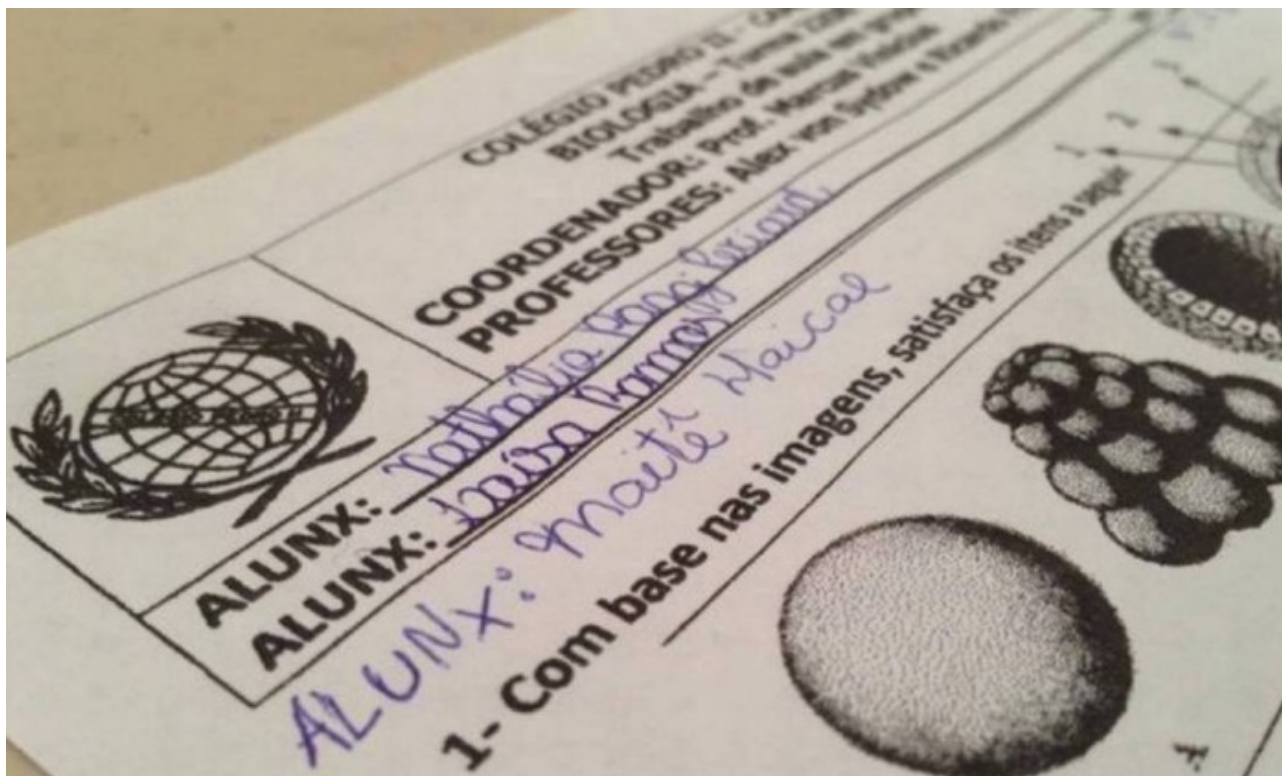
- Procuramos de alguma maneira contribuir para que não haja sofrimento desnecessário entre aqueles que se colocam com uma identidade de gênero diferente daquela que a sociedade determina. Creio que a escola não deve estar desvinculada de seu tempo e momento histórico. A tradição não importa em anacronia, mas pode e deve significar nossa capacidade de evoluir e de inovar- defendeu Halac.

A instituição afirma que a decisão é resultado de um conjunto de mobilizações e discussões promovidas por alunos e professores em vários campi. Segundo o Pedro II, a resolução também estabelece a permissão do uso do uniforme de Educação Física em qualquer aula durante o verão.

PROTESTO PARA APOIAR COLEGA

Em agosto de 2014, um grupo de estudantes do campus São Cristóvão do Colégio Pedro II promoveu um protesto para apoiar um colega transexual. Na época, a estudante que usava o nome de batismo e uniforme masculino decidiu trocar as calças por uma saia durante o intervalo de aula e foi repreendida pela direção da escola. Como resposta, os colegas decidiram vestir saias em apoio à amiga trans.

Na ocasião, o colégio chegou a dizer que o Código de Ética Discente não permitia que alunos do sexo masculino utilizassem o uniforme feminino.



Cabeçalho de prova no campus São Cristóvão (Foto: Reprodução Facebook)

No mesmo Campus, em setembro do ano passado, o “x” foi colocado no lugar das letras “a” e “o” em avisos institucionais e em provas. A medida foi adotada para respeitar a liberdade de gênero, mas a escolha acabou gerando polêmica. Alguns chegaram a argumentar que o uso da letra no lugar dos artigos masculino e feminino desrespeitava a língua portuguesa.

- Usar o “x” para suprimir o gênero de uma palavra foi a maneira que grupos que tratam do tema encontraram para chamar ao foco a questão do gênero- disse Halac quando a polêmica aconteceu. - Tratar o assunto da diversidade, seja ela sexual, racial ou cultural, é fundamental em um colégio, principalmente porque a rejeição e o preconceito trazem muita dor às crianças e adolescentes.

[O país do futebol deve espaço às boleiras: nos campos e nas telas](#)

Futebol feminino destaca-se nas Olimpíadas e reacende o debate sobre o sexismo no esporte. Entre os elementos para enfrentar a desigualdade de gênero no futebol, especialistas

entrevistados pela Agência Patrícia Galvão destacam: é preciso romper a invisibilidade na mídia, garantir espaço para as mulheres no futebol desde cedo nas escolas, aumentar o investimento nas categorias de base e ampliar a institucionalização e o investimento na profissionalização das atletas e das equipes. Confira.

(Marina Pita /Agência Patrícia Galvão, 12/08/2016) Nestas Olimpíadas, a seleção feminina de futebol ganhou destaque nos meios de comunicação e nas redes sociais. Pesaram para isso tanto a qualidade e dedicação – ambas já conhecidas – do time feminino que representa o Brasil em campo, quanto a falta dessas qualidades na atuação da megamilionária seleção canarinho masculina nos primeiros jogos. Mais uma vez, ficou clara a desigualdade de gênero no esporte que recebe o maior investimento no país – público e privado, mas também ganharam evidência os movimentos para que ocorram mudanças neste cenário.

Leia mais: [Antes de Marta, elas já provavam que futebol é coisa de mulher, sim \(Correio Braziliense, 15/08/2016\)](#)

#neymarta

A foto, que viralizou nas redes sociais, de um menino com a camiseta da seleção em que o nome do jogador Neymar aparece riscado e, logo abaixo, está escrito à mão o nome da jogadora cinco vezes eleita melhor do mundo, Marta, seguido de um coração, tornou-se o símbolo deste movimento de questionamento das diferenças de gênero e da necessidade de superar estereótipos sexistas e promover a valorização do futebol feminino.

Em vídeo publicado nas redes sociais o menino Bernardo, dono da camiseta, diz: “A Marta é apaixonada, ela gosta de jogar futebol. Ela mostra que mulher entende de futebol. A seleção feminina ganhando todas, arrebatando, para mim, é um símbolo do feminismo no Brasil. Acho que ela mereceu totalmente (a camisa). Acho que ela merece essa camisa muito mais do que Neymar”.



“Apesar de existir há mais de três décadas, o futebol feminino ainda hoje é marginal e é reprimido. Nas escolas é recente as meninas jogarem futebol, mas não são incentivadas para a

carreira. A organização institucional do futebol feminino é paupérrima, o reconhecimento das jogadoras só ocorre no exterior – ou muito mais no exterior. A cobertura do futebol feminino é correlata ao apoio institucional: muito baixa. Só parte dos jogos é televisionada e o acompanhamento dos campeonatos não acontece. E, ainda assim, nós temos a Marta, muitas vezes considerada a melhor jogadora do mundo”, avalia a socióloga e analista de pesquisas de opinião, Fátima Pacheco Jordão, que não esconde o entusiasmo diante da seleção liderada pela atacante.

Invisibilidade dos esportes femininos na mídia

Para a jornalista Luciane Castro, que mantém um blog sobre futebol feminino no site web do noticioso esportivo *Lance!*, falta visibilidade para o trabalho das jogadoras e isso está diretamente relacionada à cobertura midiática no Brasil.

“É uma dificuldade vender pauta. Eu tinha uma entrevista exclusiva com o Marcelo Teixeira [*ex-presidente do Santos*] falando da extinção das Sereias da Vila [*apelido do time feminino do clube*]. Muitos editores não me responderam, outros disseram que não havia espaço para o futebol feminino”, exemplifica a jornalista, que desde 2006 vem trabalhando para divulgar a atuação das mulheres em campo.

Segundo Luciane Castro, a cobertura do futebol feminino pela mídia tradicional acontece em períodos específicos, principalmente durante as Olimpíadas. Durante todo o resto do tempo, há apenas a cobertura pela mídia alternativa. “É aí que eu me enquadro. Temos que trabalhar pesado, sem recurso e durante todo o resto do tempo. E encontramos barreiras muito absurdas para falar sobre isso”, conta. Há alguns anos, relata a blogueira, até mesmo as assessorias de imprensa dos órgãos institucionais não ofereciam informações sobre as competições femininas.

A pouca visibilidade na mídia influencia no interesse de patrocinadores, o que seria um dos principais obstáculos para o aumento do investimento privado nas atletas e, assim, para um maior investimento na modalidade feminina e aumento do número de profissionais mulheres no futebol. Trata-se de um círculo vicioso: “São as duas faces da mesma moeda. O biscoito é fresquinho porque vende mais ou vende mais porque é fresquinho?”, alerta Juca Kfoury quando questionado pela *Agência Patrícia Galvão* sobre as responsabilidades da mídia e dos patrocinadores pela invisibilidade das nossas jogadoras.

Da base ao estímulo à profissionalização

Este ano ficaram famosos dois casos que exemplificam como as meninas que jogam futebol são desestimuladas por uma estrutura que, desde a base, só abre espaço para os homens.

Sem campeonatos para disputar na categoria de até 13 anos, [um time feminino foi aceito na Copa Moleque Travesso realizada no Centro Olímpico de São Paulo – após todos os times serem consultados. Para surpresa de muitos e decepção de alguns, as meninas saíram campeãs do torneio – não sem que a vitória fosse contestada por alguns times e pais de jogadores.](#)

Em uma segunda história tocante, [uma garota de 7 anos foi proibida de seguir jogando com seu time misto no campeonato paulista sub-13, após passar da fase municipal e alcançar a fase regional da competição.](#) Foi a segunda vez que a jogadora foi impedida de entrar em campo e mesmo de ficar no banco de reserva, para o desespero de seu pai que explicou o motivo da negativa: por ela ser mulher.

Valorização passa por eliminação de preconceitos e mais investimento

“Precisamos mudar a mentalidade das pessoas e incentivar o futebol feminino desde cedo. As meninas podem jogar futebol na escola, não precisa separar dos meninos e mandar jogar handball”, afirma a produtora de TV, Stephanie Steroponovicius, destacando a importância de desconstruir papéis de gênero que impedem o desenvolvimento dos múltiplos talentos das meninas.

Integrante da equipe do canal especializado em esportes ESPN, Stephanie acredita que o maior número de profissionais mulheres cobrindo esportes nos meios de comunicação ajuda a reverter a pouca visibilidade das atletas, incluindo o futebol. Segundo a produtora, a ESPN tem uma equipe com muitas mulheres no Brasil, inclusive em cargos de chefia, e as iniciativas aparecem: a empresa lançou o [portal online ESPNW, dedicado à cobertura das mulheres nos esportes](#) e cuja produção também é feita por mulheres jornalistas e especialistas nas diversas modalidades.

Para Fátima Pacheco Jordão, o atual momento da seleção feminina abre espaço para essa valorização do esporte entre as meninas, mas, para isso, é preciso incentivo. “Todas as instalações estão dadas, as escolas já poderiam avançar em mais campeonatos de futebol para mulheres”, opina.

Mas, saindo da infância, as mulheres devem enfrentar ainda a precariedade com que os clubes tratam as equipes femininas em processo de profissionalização, as chamadas equipes de base. “Em muitos casos, as meninas que jogam com a camisa de um clube nem recebem pelo clube. Colocam a camisa, mas treinam em um projeto distinto ou poucos dias da semana. Aí, quando enfrentam um time mais profissional, como foi o caso do time do Santos, é difícil. E a opinião pública começa a dizer que não tem qualidade. Mas não tem é condições, equipe, treinamento”, reforça a jornalista Luciane Castro.

Para mudar essa realidade, a [Lei 13.155/2015](#), que estabelece critérios para a renegociação da dívida dos clubes esportivos com a União, inclui a obrigatoriedade de investimento mínimo no futebol feminino. A regra precisa de regulamentação, mas a expectativa ainda é baixa quanto a sua aplicação. “Temo que seja daquelas leis que não peguem no Brasil. Ainda mais por ter sido assinada por Dilma Rousseff”, frisa Juca Kfourri. “O texto da lei trata do tema de forma genérica. Assim, é difícil que se cumpra”, avalia Luciane Castro, que reforça a importância de sua regulamentação.

Edição: Débora Prado

[Novo olhar para entender o feminino e o masculino](#)

(Brasileiros, 21/06/2016) Em especial para a Brasileiros, a antropóloga Heloisa Buarque de Almeida diz que não há nada de natural nos gêneros feminino e masculino. Tudo é aprendido.

O momento é de multiplicidade identitária e inaugura uma maneira diferente de compreender o comportamento humano

Leia também: [Gênero como organizador social \(Revistas Brasileiros, 22/06/2016\)](#)

Parece simples e natural. Os nascidos com vagina são mulheres e os com pênis, homens. Dois gêneros e ponto. Só que nem sempre funciona assim. Tem gente que nasce com a genitália feminina e se identifica como homem, ou ao contrário, e não necessariamente extirpa ou troca o seu órgão sexual de origem. É complexo até porque tudo isso tem e não tem a ver com sexualidade ou desejo. Há ainda as pessoas que nascem com o sexo indefinido, mostrando que até a natureza não é totalmente binária. Mais do que isso: de certo ponto de vista, não há nada de espontâneo nos gêneros feminino e masculino. Tudo é aprendido.



A antropóloga Heloisa Buarque de Almeida (Foto: Luiza Sigulem)

Quem explica e defende a ideia é Heloisa Buarque de Almeida, 51 anos, cientista social e antropóloga da USP, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e integrante do NUMAS, Núcleo de Marcadores Sociais da Diferença, também da universidade, que trabalha com gênero, raça e sexualidade. “Estamos vivendo um momento de multiplicidade identitária, tanto para o gênero quanto para a sexualidade, e isso exige que a gente pense de um jeito diferente do que sempre foi ensinado.”

Gênero

Temos uma hierarquia entre masculino e feminino, e as pessoas que atravessam essa fronteira colocam a questão binária em xeque. Vivemos em uma sociedade que dá a impressão de que ser homem e ser mulher é algo que resulta apenas da natureza, que tem a ver com o corpo, de como se formou a genitália, com os hormônios, a genética... Não dá para falar sobre gênero sem passar pelo contexto da sociedade e sem problematizarmos uma desigualdade de base. Vivemos numa sociedade que naturaliza as diferenças entre os sexos, em relação a poder, afeto, família, trabalho, acesso à justiça, que imaginamos ter a ver com a essência corporal porque, desde bebês, meninos e meninas são tratados de maneira diferente. Do ponto de vista da teoria de gênero, não tem nada natural, tudo é aprendido.

Cultura e natureza

O comportamento humano não se define pela natureza, mas pela cultura. Isso é uma das bases da antropologia e, se quiser, da sociologia. Quando um menino de três quilos nasce, o pai o levanta e diz: “Meu meninão”. Quando uma menina com os mesmos três quilos nasce, o pai a pega no colo já contendo seu corpo e diz: “Minha menina, tão bonitinha”. Desde o nascimento, damos mais liberdade corporal aos meninos. Isso não é de propósito, não é maldade nem é planejado. Aliás, aprendemos ser menino e menina antes de nascer, porque as expectativas sobre aquele ser já estão na escolha do nome, das cores das roupas... Depois, a criança aprende a ser um ou outro. Um menino que começa a chorar pode ouvir do pai que homem não chora e isso é um ensinamento para expressar seus sentimentos pela violência. Mais tarde, consideramos que a violência é natural nos homens.

Homens e mulheres

A sociedade não é igual em todos os lugares nem em todas as classes sociais. Na década de

1930, Margaret Mead (antropóloga norte-americana, 1901-78) fez uma pesquisa de campo na região da Nova Guiné, na Oceania. Queria saber como as crianças eram criadas, pensando em como a cultura é aprendida. No meio do estudo, ela acabou mudando de tema porque dois colegas, seu marido e seu futuro marido, pesquisavam em aldeias próximas três grupos diferentes. Ela, então, percebeu que o que era pensado como feminino e masculino, em cada caso, era diferente. Em um grupo, Mead descobriu que homens e mulheres eram superafetivos, cuidavam das crianças, davam colo, tinham paciência. Em outro, homens e mulheres não tinham nenhuma paciência com as crianças, era uma sociedade que privilegiava a competitividade, a agressividade. E no terceiro ela encontrou uma espécie de inversão, se comparado ao que era encarado como natural nos Estados Unidos naquela época: uma sociedade em que os homens, com temperamento mais pacífico, cuidavam das crianças, enquanto as mulheres eram agressivas, briguentas, tomavam a iniciativa sexual. Qual a conclusão de Mead? Não tem nada natural no temperamento masculino e feminino, como os americanos daquela época pensavam. Ou seja, que as mulheres fossem maternas e os homens trabalhadores, competitivos... E que nem é natural pensar que homens e mulheres sejam diferentes porque duas das sociedades pesquisadas não tinham grandes diferenças entre os gêneros, embora houvesse divisão sexual do trabalho. Essa pesquisa, que resultou no livro *O Sexo e o Temperamento*, é um dos pontos de base para a teoria de gênero.

Organização social

As sociedades atribuem o que pensam ser masculino e feminino de forma classificatória e em muitas há uma hierarquia entre os sexos. O masculino tem mais poder e isso não quer dizer que as mulheres nunca tenham acesso a ele, porque há grupos em que elas, quando chegam à maturidade, ganham poder, como se fossem masculinizadas. Quando vemos uma mulher com poder, nosso senso comum masculiniza também. Aconteceu com Dilma Rousseff, há várias pesquisas que apontam isso.

Poder e feminismo

Feminismo deixou de ser um palavrão na década de 1970, virou um termo pejorativo e agora a gente pode falar de novo que é feminista, mas só em alguns lugares. Uma mulher que se diz feminista logo é vista como louca, mal amada, que não gosta de transar... Entenderam tudo errado. Mas eu tenho muita admiração pelas meninas que hoje lutam por igualdade.

Machismo

É preciso abrir a cabeça. O machismo é ruim até para os homens heterossexuais e monogâmicos. Para seguir o padrão de masculinidade, o cara precisa ser macho, gostar de futebol, ser provedor. Ninguém consegue ser tudo isso. Os homens também querem uma folga, maior proximidade com os filhos, clamam por afeto, são carentes.

Héteros e gays

Nos anos 1980, os gays homens, digamos, saíram do armário. As lésbicas demoram um pouco mais para se expor. E hoje menina transa com menina sem se definir necessariamente como lésbica. Ganhar a arena pública é um fenômeno social. Mas não é algo exclusivo do mundo pós-internet. No passado, na Albânia, pais de mulheres podiam escolher uma delas para assumir o papel masculino. Em alguns países africanos, na década de 1930, mulheres assumiam o lugar masculino, ganhavam nome de homem, tinham as tarefas masculinas, os filhos de sua companheira eram considerados seus filhos biológicos. O que quero dizer é que essa fronteira do gênero já foi atravessada em diferentes contextos sociais, mas ganhou visibilidade com a internet e virou objeto de demanda por direitos. Começou com a luta política das mulheres, que tem a ver com a luta dos gays, que vai desembocar na luta dos trans. Cada luta tem sua

especificidade, mas todas demandam por direitos, por respeito às suas escolhas, ao corpo, pela não violência. O Brasil é campeão de violência contra a mulher, contra gay e travesti. É tudo violência de gênero.

Cantada e assédio

O que se chamava de cantada agora é assédio e, portanto, um tipo de violência. Ser encoxada no metrô não é exatamente um elogio. É uma agressão. Quando Jair Bolsonaro fala que Maria do Rosário (ambos deputados federais) não merece nem ser estuprada, ele está supondo que o estupro é um elogio, quando, na verdade, é crime. E ainda existem muitas pessoas que acusam meninas de serem soltas, largadas, andarem de shortinhos... Quero dizer que temos, de fato, um senso comum desigual entre homens e mulheres, e vários níveis de violência naturalizados. Mas não temos respostas universalizadas sobre a questão do poder. Não sabemos como começa, porque começa. São apenas especulações. O importante é saber como funciona hoje e nunca é só uma causa ou uma consequência, mas múltiplas.

Intersexualidade

Há uma proporção considerável de crianças que nascem nem meninos nem meninas. São as intersexuais, as hermafroditas, que têm a genitália ambígua. Na República Dominicana há muitos casos, tanto que eles usam prenomes indefinidos, como René, Darcy. Em situação como essa, a tradição da medicina ocidental, nos anos 1950, optou pelo sexo feminino por ser uma cirurgia mais fácil, há mais técnica de vaginoplastia do que para construir pênis. Isso significa que nem a natureza é tão binária assim. Além disso, as pessoas, mesmo que não sejam transexuais, não são apenas masculinas e femininas. Todos nós temos traços de um e de outro, a natureza faz um contínuo entre um e outro.

Desejos

Imaginamos que uma mulher vai ter desejos por homem e vice-versa, e que essas pessoas vão ter uma prática heterossexual. No entanto, uma mulher pode ser feminina e ter desejos por outra, o que já foi considerado tabu. Mas não controlamos nossos desejos sexuais. Desde Freud, sabemos que há mais mistérios na nossa mente e nos nossos desejos do que gostaríamos. Estamos em um momento de multiplicidade identitária, tanto para a sexualidade quanto para o gênero. Tem, inclusive, gente que se diz assexual, que não quer sexo. E tem quem goste de homem, mulher, de todo mundo. Há ainda pessoas que não se importam com o sexo, o que encanta e atrai é o amor mental, a inteligência.

Transgênero

A pessoa que, ao nascer, é considerada de um gênero, mas se identifica com outro. Mas isso não tem sempre a ver com mudança de sexo. Uma pessoa trans não necessariamente deseja mudar seu sexo de nascimento, passar por cirurgias e mudar o corpo totalmente. A transexualidade não é exatamente uma novidade. Diferentes povos viveram a brincadeira de mudar de sexo, às vezes em certos contextos. No Brasil, homens se vestem de mulher durante o Carnaval.

“SER ENCOXADA NO METRÔ É UMA AGRESSÃO. TEMOS UM SENSO COMUM DESIGUAL ENTRE HOMENS E MULHERES, E NÍVEIS DE VIOLÊNCIA NATURALIZADOS?”

Tempo

A transexualidade não tem necessariamente a ver com sexualidade, desejo ou prática sexual e pode aparecer cedo. Na puberdade, quando os sinais corporais se tornam visíveis, a questão às

vezes agudiza. O ideal seria que as crianças vivessem livremente na escola e na família. Quando eu era criança, o menino que não jogava bola era imediatamente tachado de bichinha, um inferno. Mas o que podemos fazer se uma criança quer ser chamada por outro nome? É difícil, sim, um pepino, só que precisamos ouvir o que essas crianças têm a dizer. Talvez a família não aceite e muito provavelmente os pais que aceitam sejam acusados de incentivar a criança a ir para “o lado errado”. Ainda temos dificuldade para entender a criança como pessoa. É claro que ela está em formação e por isso não sabe as consequências do que diz. É uma situação complexa. Reconheço a dificuldade porque a gente vê como ideal uma coerência entre o corpo e a vida social. Mas há casos de crianças e adolescentes trans em escolas de elite, que ainda têm um pensamento bastante conservador. Na pré-escola, algumas separam brinquedo de menina e de menino, atividades de um e de outro. Isso está errado porque ambos podem brincar do que quiserem, é positivo. Não serão homossexuais nem trans por brincarem de boneca ou bola. Algumas estão buscando orientação, tentando entender a transexualidade. Elas precisam conversar com os pais, com os colegas, com os pais dos colegas. Não existe fórmula ainda, vamos ter de começar a burlar protocolos para melhorar, inclusive, o atendimento. Mas devemos falar de saúde, prevenção, respeito. Muito. Não vamos mudar a estrutura de violência contra a mulher, a clássica, a doméstica, a mais banal, se não pudermos falar de gênero com as crianças e os jovens.

Perturbação

A transgeneridade era considerada uma espécie de desvio, de disfunção, de doença psicológica ou mesmo fisiológica. Em certa medida, para conseguir tratamento no sistema de saúde pública, a pessoa trans ainda precisa provar que enfrenta um sofrimento afetivo importante.

Paradoxo

Há uma maior visibilidade para situações e atitudes que nos questionam, nos deixam confusos, nos fazem pensar como vai ser daqui para a frente. Tudo isso exige que a gente pense de um jeito diferente do que sempre foi ensinado a pensar, que a gente saia do binário. Talvez, por causa dessa visibilidade, haja uma reação conservadora em uma sociedade que é machista, violenta e transfóbica. Por outro lado, existe quem entenda, inclua, e por isso é paradoxal, porque não é homogênea. Só quero dizer que essas reações conservadoras fazem a gente andar para trás com direitos já conquistados.

Cândida Del Tedesco e Fernanda Cirenza

Acesse no site de origem: [Novo olhar para entender o feminino e o masculino \(Brasileiros, 21/06/2016\)](#)

[Estudo descarta que haja diferenças anatômicas significativas no cérebro por razão de sexo](#)

(El País, 01/12/2015) Um estudo com centenas de imagens de cérebros de homens e

mulheres não encontrou provas de que exista um cérebro masculino e outro feminino. Embora haja algumas diferenças anatômicas em determinadas áreas em função do sexo, estas não permitem dividir os humanos em duas categorias. Na verdade, o cérebro de cada um é um mosaico com elementos tanto femininos quanto masculinos.

Leia também: [Sexo \(ou gênero\) no cérebro, por Reinaldo José Lopes \(Folha de S.Paulo, 06/12/2015\)](#)

Ideias como a da inteligência emocional e *best-sellers* recentes como *O Cérebro Feminino* ou, no século passado, a saga *Os Homens São de Marte, as Mulheres São de Vênus*, alimentaram a tese do dimorfismo sexual do cérebro. Se há diferenças entre homens e mulheres em outras partes da sua anatomia, em especial os genitais, por que não haveria no cérebro? E, se existe no que é físico, ou seja, no cérebro, também deve existir no que é essencial, a mente.

Entretanto, não há provas de que, do ponto de vista da matéria cinzenta, da matéria branca, das conexões neuronais e da espessura do córtex cerebral, o cérebro de uma mulher e de um homem sejam diferentes pelo simples fato de seu sexo ser distinto. As provas, aliás, apontam para o contrário. Em um dos maiores estudos já feitos, um grupo de pesquisadores israelenses, alemães e suíços comparou a anatomia de 1.400 cérebros de homens e mulheres para concluir que, mais do que duas categorias, o que existe é um mosaico cerebral.

Ideias como a da inteligência emocional e *best-sellers* recentes como *O Cérebro Feminino* ou, no século passado, a saga *Os Homens São de Marte, as Mulheres São de Vênus*, alimentaram a tese do dimorfismo sexual do cérebro. Se há diferenças entre homens e mulheres em outras partes da sua anatomia, em especial os genitais, por que não haveria no cérebro? E, se existe no que é físico, ou seja, no cérebro, também deve existir no que é essencial, a mente.

Entretanto, não há provas de que, do ponto de vista da matéria cinzenta, da matéria branca, das conexões neuronais e da espessura do córtex cerebral, o cérebro de uma mulher e de um homem sejam diferentes pelo simples fato de seu sexo ser distinto. As provas, aliás, apontam para o contrário. Em um dos maiores estudos já feitos, um grupo de pesquisadores israelenses, alemães e suíços comparou a anatomia de 1.400 cérebros de homens e mulheres para concluir que, mais do que duas categorias, o que existe é um mosaico cerebral.

Um dos estudos, por exemplo, baseou-se em imagens do cérebro de quase 300 pessoas (169 mulheres e 112 homens). Usando a técnica conhecida como morfometria baseada no voxel (VBM, na sigla em inglês), foi possível determinar o volume de matéria cinzenta de 116 áreas do cérebro.

“Não há nenhuma região em nossas amostras que revele uma clara distinção entre uma forma masculina e uma forma feminina, ou seja, que se apresente de forma evidente apenas nos homens ou apenas nas mulheres”, destaca Joel. “Na realidade, há um alto grau de superposição entre mulheres e homens em todas as regiões estudadas”, acrescenta. Ainda assim, apontaram as 10 zonas que apresentaram maior contraste em função do gênero. Foi o caso dos dois lados do giro frontal superior, do núcleo caudado e dos dois hemisférios do hipocampo, todos com uma diferenciação inferior ao nível estatisticamente significativo.

Com essas 10 áreas foi possível criar uma espécie de contínuo do extremo masculino ao extremo feminino. O cérebro de apenas 1% dos homens e 10% das mulheres caía em cada extremo, e um terço das pessoas tinha cérebros anatomicamente intermediários. Os exames foram repetidos com outras amostras de pessoas e tecnologias, como a de imagem por

tensores de difusão, com a qual se pode estabelecer a conectividade entre as diferentes zonas cerebrais. Em todas elas, os resultados foram similares.

“A maioria dos humanos tem cérebros compostos por mosaicos de características que os tornam únicos, algumas são mais comuns entre as mulheres em comparação aos homens, e outras são mais comuns nos homens em relação às mulheres, e há ainda outras que são comuns a homens e mulheres”, comenta a pesquisadora israelense.

As teorias sobre a diferenciação sexual no cérebro ganharam força em meados do século passado. Mas, como comenta o pesquisador Xurxo Mariño, da Neurocom e da Universidade de Coruña, “esses trabalhos se centraram na sexualidade, em especial no estudo da emergência da homossexualidade”. Alguns se empenharam em encontrar anomalias anatômicas que a explicassem, e encontraram algumas, como o menor tamanho de uma estrutura cerebral chamada estria terminal nas mulheres e também nos homens transexuais. Mas boa parte daquela ciência partia da ideologia.

Os estudos na época se baseavam em questionários, não em observações diretas do cérebro e suas diferenças anatômicas. Isso é algo que só a moderna tecnologia de imagens neurológicas está permitindo. Ainda assim, recorda Mariño, “já em 1948 houve quem falasse mais de um contínuo cerebral do que de categorias dicotômicas”. Foi o biólogo Alfred Kinsey quem, com sua escala sobre a orientação sexual, antecipou-se ao estudo atual.

Miguel Ángel Criado

Acesse no site de origem: [Estudo descarta que haja diferenças anatômicas significativas no cérebro por razão de sexo \(El País, 01/12/2015\)](#)